

Outros viram: uma análise semiótica da capa do disco *Revirão*

Others saw: a semiotic analysis of Revirão's album cover

OTAVIANO, Samuel; Mestre em Design; ESDI/Uerj-RJ

samuelotaviano@gmail.com

NIEMEYER, Lucy; Doutora em Comunicação e Semiótica; ESDI/Uerj-RJ

lucy.niemeyer@gmail.com

Este artigo apresenta a análise semiótica da capa do disco *Revirão* de Jorge Mautner, compreendendo que esta funciona como signo e possui uma função significativa. Com apoio de uma breve revisão da literatura, inicialmente é feita a exposição dos principais conceitos da semiótica de Peirce e de como este método de análise é baseado nas relações internas do signo. São tomadas como exemplo análises de capas de disco desenvolvidas por outros autores que demonstram como ocorre a semiose. A capa do disco *Revirão* é entendida como um Qualisigno (Qs) na relação do signo com seu fundamento, um Índice na relação com o Objeto e um Rema nas suas possibilidades interpretativas. A conclusão é de que a capa do disco *Revirão* traz a essência da obra multifacetada de Jorge Mautner, carregada de crítica social, rebeldia e ironia. O projeto gráfico internaliza a amálgama peculiar desta obra enquanto produto da indústria cultural.

Palavras-chave: Design; Análise semiótica; Capa de disco.

This article presents the semiotic analysis of Jorge Mautner's Revirão's album cover, considering that it works as a sign and has a significant function. With the support of a literature review, initially it's made a brief exposition of the main concepts of Peirce's semiotic and how this method of analysis is based on the internal relations of the sign. It's taken examples of album covers analysis developed by other authors wich demonstrates how does the semiosis occurs. Revirão's album cover is understood as a Qualisign (Qs) in the relationship between the sign and its foundation, an Index in the relationship with the Object and a Rema in its interpretive possibilities. The conclusion is that Revirão's album cover brings the essence of Jorge Mautner's multifaceted work, loaded with social criticism, rebellion and irony. The graphic project internalizes the peculiar amalgamation of this work as a product of the cultural industry.

Keywords: Design; Semiotic analysis; Album cover.

1. Introdução

Revirão é o décimo disco de Jorge Mautner, lançado no ano de 2006. O projeto gráfico é do designer André Vallias pela produtora Refazenda. Artista multifacetado, dono de uma poética carregada de paixão e ironia, Mautner traz para o disco os ingredientes presentes em sua obra combinados com sua musicalidade diversa e intrigante. Sua linguagem artística se traduz em uma capa um tanto instigante e enigmática, onde o principal componente é a imagem duplicada do artista em um cenário distorcido, com referências à espiritualidade. Este artigo traz a análise semiótica da capa de *Revirão*, compreendendo a mesma enquanto signo e resultante de processos de significação. O exame da semiose decorrente desta capa permite identificar quais foram as estratégias empregadas pelo designer para traduzir visualmente o universo musical do disco. Com este intuito, inicialmente, é feita uma breve revisão da literatura sobre a aplicação da semiose como recurso de análise de projetos gráficos, partindo dos conceitos elucidados por Lucy Niemeyer (2010) e Lúcia Santaella (2005 e 2012).

Ainda como procedimento de revisão da literatura são abordados trabalhos de análise semiótica de capas de disco empreendidos por Araujo e Moehlecke (2017), Domingues e Pimenta (2014), Pietroforte (2004) e Pompeu (2008). Para efeito de síntese dos conceitos mobilizados foi elaborado um diagrama esquemático baseado em Niemeyer (2010, p.37) onde estão presentes, segundo as relações triádicas propostas por Peirce, o Fundamento do signo, o Objeto, o Interpretante e as categorias fenomenológicas. Como meio de explicitar o processo de análise, este diagrama principal se desdobra em figuras esquemáticas que mapeiam as relações sógnicas, presentes em cada uma das facetas do signo. Os esquemas têm por objetivo facilitar a compreensão de como estas relações se estabelecem em níveis, partindo dos aspectos mais ligados às qualidades e sensações vagas, até os mais generalistas, da esfera das leis e convenções. O princípio destes esquemas foi transposto para a análise da capa do disco *Revirão*.

O processo de análise propriamente dito é iniciado com uma breve descrição do perfil artístico de Jorge Mautner e das características do disco *Revirão*. São apresentados os conceitos e ideias norteadoras das suas criações musicais que misturam rock e música popular em uma amálgama irônica e provocativa carregada paixão e rebeldia. Estes princípios são ingredientes com os quais André Vallias realizou o projeto. Além destes, estão presentes também as imagens e conceitos específicos do disco *Revirão* que traz músicas que falam de sentimentos e afetos, crítica social e religiosidade em ritmos e estilos diversos. A análise semiótica da capa foi realizada a partir das relações internas do signo. Este percurso se inicia com a inspeção do signo em relação a ele mesmo, seu aspecto de Representâmen, para na sequência traçar a relação do signo com seu Objeto e por fim o signo e seu Interpretante. A abordagem fundamentada na interdependência dos elementos estruturantes do signo corrobora com a compreensão do signo como um fenômeno global, resultando em um processo de análise que incorpora todas as facetas do signo. Os resultados desta análise são então discutidos mediante especificidades do campo do design e os fatores particulares da capa de disco enquanto produto da indústria cultural.

O projeto gráfico evoca a atmosfera do disco, desencadeando, em um primeiro olhar, sensações de instabilidade e movimento. Por fim, conclui-se que a aplicação da análise semiótica em projetos de design tem por alicerce a compreensão dos mesmos enquanto signos, e que, como tal, engendram processos de significação. Tais análises permitem compreender o potencial comunicativo que os designers podem acionar por meio das estratégias adotadas em sua atuação, sem deixar de considerar fatores ligados ao contexto cultural no qual se inserem. Particularmente em capas de disco, o processo de semiose se baseia na transposição de signos sonoros (as músicas) para um signo visual (a capa). Como foi

demonstrado na análise, a capa de *Revirão* cumpre esse papel ao incorporar os componentes da musicalidade de Jorge Mautner.

2. A semiótica como recurso de análise

A semiótica como recurso de análise de produtos de design vem a ser utilizada para compreender seus processos de significação (NIEMEYER, 2010, p.19). Estes processos ocorrem por que um produto de design funciona enquanto signo, ou seja, realiza a semiose. Assim, para além de suas funções “prática, estética e de uso” (NIEMEYER, 2010, p.18), ele tem sua função significativa. Isto quer dizer que o produto comunica. Ele carrega uma mensagem que é decodificada e articulada por aqueles com quem o produto interage, seja a partir do uso ou da visualização no ponto de venda.

O processo metodológico aqui apresentado tem por princípio as relações internas do signo. É por meio delas que “podemos extrair estratégias metodológicas para a leitura e análise de processos empíricos de signos” (SANTAELLA, 2012, p.XIV). Esta leitura é feita a partir dos elementos estruturantes do signo. Conforme Niemeyer,

Os signos se organizam em códigos, constituindo sistemas de linguagem. Estes sistemas formam a base de toda e qualquer forma de comunicação. A principal utilidade da semiótica é possibilitar a descrição e análise da dimensão representativa (estruturação sêmica) de **Objetos**, processos ou fenômenos em várias áreas do conhecimento humano (NIEMEYER, 2010, p.25 – grifos da autora).

O objeto para o qual dedicamos a análise aqui apresentada é a capa do disco *Revirão*. No âmbito da indústria cultural e da circulação de mercadorias, as capas são embalagens que buscam apresentar o produto ao consumidor no ponto de venda. Dentro desta lógica, o objetivo do designer é traduzir um signo sonoro, as músicas do disco, em um signo visual, a capa. Este tipo de análise de capas de disco vem sendo realizado por pesquisadores das áreas de design, comunicação, artes, publicidade e linguística. Dentre estes estão os trabalhos realizados por Araújo e Moehlecke (2017), Domingues e Pimenta (2014), Pietroforte (2004) e Pompeu (2009).

De um modo geral, as análises se iniciam com a contextualização do disco a partir do artista (ou artistas) que ele traz e o cenário cultural no qual o mesmo se insere. Afinal de contas, “a ocorrência de produto é resultante e expressão de um cenário político, econômico, social e cultural, dentro das dimensões histórica e geográfica” (NIEMEYER, 2010, p.27). Ao se referir às manifestações culturais da capa do disco *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band* (1967), dos Beatles, Araújo e Moehlecke (2017, p.50) revelam que a semiótica permite “compreender e identificar os significados presentes no texto analisado [a capa do disco] e relacionar os signos às manifestações culturais da época”. Em sua análise da capa do disco *Revolver* (1966), também dos Beatles, Domingues e Pimenta (2014 p.7) assinalam que esta capa “busca representar não só as 14 músicas que compõem o disco como também transmitir o momento pela qual a banda passava, assim como o contexto em que ela se inseria”. Podemos ainda complementar essa constatação com a experiência de análise de Pietroforte (2004, p.3), destacando que em uma “rede de relações, formada pelas conotações sociais investidas nos músicos e em sua música” é que as imagens da capa fazem sentido. A semiótica permite ainda “relacionar os efeitos de sentido potencialmente provocados pelas capas com o conteúdo musical de cada disco” (POMPEU, 2008, p.14).

O percurso de análise se inicia com os elementos estruturantes do signo. Niemeyer (2010) e Santaella (2012) nos informam como se estabelece este percurso, sempre apontando para o

jogo de relações internas do signo. É deste jogo, de acordo com a semiótica, que se estabelecem as bases da linguagem e do processo de comunicação. Conforme Niemeyer,

A semiótica, assim, permite a compreensão do jogo complexo de relações que se estabelecem numa semiose. Ao ordenar esse conjunto de relações, podemos antever algumas das suas significações e seu desempenho no mundo das linguagens. É nesse processo que os dados da realidade podem ganhar o status de informação e conhecimento. A partir disso a semiótica olha para o **Objeto** apresentado e seus possíveis significados (NIEMEYER, 2010, p.26 – grifos da autora).

A semiótica compõe a disciplina central na arquitetura filosófica proposta por Charles Sanders Peirce (SANTAELLA, 2005, p.30). Os estudos dos mais variados tipos de signos fazem parte da ramificação da semiótica denominada gramática especulativa (SANTAELLA, 2012, p.XII). Nesta ramificação, encontram-se as classificações do signo. Estas classificações estão baseadas nas categorias da experiência sêmica de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade (NIEMEYER, 2010, p.45). Estas categorias “são as mais universalmente presentes em todo e qualquer fenômeno, seja ele físico ou psíquico” (SANTAELLA, 2005, p.36). De acordo com Pompeu,

A Primeiridade se manifesta em tudo o que mantiver relação com o acaso, o sentimento, a qualidade pura. A Secundidade refere-se ao conflito, à surpresa, à causa e à consequência. Por fim, a Terceiridade aparece no que tange a generalidade, a continuidade e a inteligência. (POMPEU, 2008, p.34).

Estes princípios universais são norteadores das leituras dos signos segundo os seus componentes elementares, de tal modo que análise ocorre nestes três níveis (DOMINGUES E PIMENTA, 2014, p.2). Estes componentes são decorrentes da “decomposição da estrutura do signo” (NIEMEYER, 2010, p.38). Esta decomposição é realizada para fins didáticos, dado que, ainda conforme Niemeyer, “a ocorrência do signo é um fenômeno global, e não segmentada”. Segundo este processo proposto pela autora, o que dá suporte às significações do signo é o seu fundamento, o Representâmen. Em relação a este, seu aspecto que diz respeito às características que menos o particularizam, como cores, materiais, texturas e acabamento, é o Qualisigno. Já o aspecto que o particulariza e individualiza, ou seja, o que o torna singular, é o Sinsigno, relacionado à suas formas, suas dimensões. Já as convenções, regras e padrões manifestas no Representâmen são o seu aspecto de Legisigno.

Prosseguindo com os elementos, ou facetas, que dão estrutura ao signo, temos o Objeto. “Para que se conheça algo é necessário que este algo seja passível de representação” (NIEMEYER, 2010, p.40). Este elemento se divide em duas partes, uma interna e outra externa ao signo, o Objeto Imediato e o Objeto Dinâmico, respectivamente. O Objeto Dinâmico é a ‘realidade’ que circunda o signo, este é composto por todos os contextos que rodeiam o signo e por isso é muito amplo (SANTAELLA, 2005, p.45). O Objeto Imediato, por sua vez, faz a ligação entre o Objeto Dinâmico e o signo (POMPEU, 2008, p.43). Este se refere aos modos pelos quais o Objeto Dinâmico se representa no signo e como o mesmo está imediatamente disponível no signo (NIEMEYER, 2010, p.37).

Se a representação do Objeto Dinâmico ocorre por semelhança, ela é um Ícone. Esta representação icônica se estabelece por analogia. Quando a representação é proveniente de marcas causadas pelo objeto, ela é um Índice. Este é o modo pelo qual o signo aponta para algo que está fora dele. O terceiro tipo de representação é o Símbolo. Neste último aspecto, a relação se baseia no seu caráter de convenção. A determinação de um Símbolo acontece em

função de “princípios pré-existent, inerentes ao tipo de código a que pertence o signo” (NIEMEYER, 2010, p.42).

Dando sequência a esta estruturação da semiose e da ocorrência global do signo, temos o Interpretante, ou seja, as possibilidades inerentes de interpretação do signo. Estas tendem ao infinito, já que todo signo, neste processo, resulta em um outro signo para uma mente interpretadora. Niemeyer reúne os três níveis de representação ao afirmar que “dentro da relação de representação, o Interpretante é o terceiro termo, em comparação com o Objeto – o correlato a que o signo se refere, quer dizer, um segundo – e o próprio Representâmen, um primeiro” (NIEMEYER, 2010, p.43).

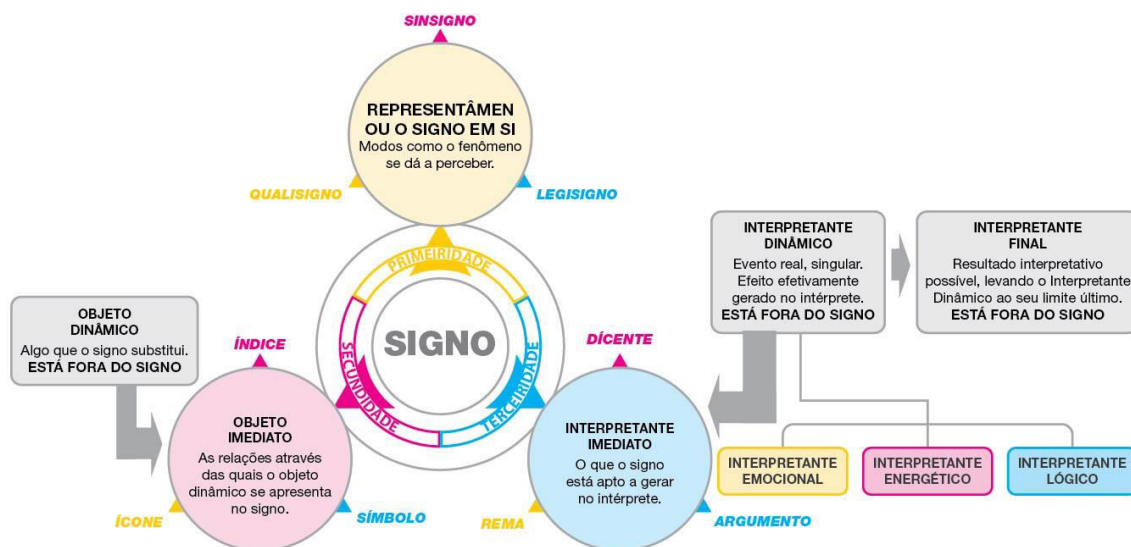
Este terceiro termo, o Interpretante, para se constituir como signo, tem três etapas a percorrer (POMPEU, 2008, p.44-45). Estas etapas estão relacionadas às três categorias fenomenológicas, a saber, Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. O Interpretante Imediato é possibilidade e potencialidade, por isso ligado à primeira categoria. O Interpretante Dinâmico é um evento real, singular, portanto, se refere à Secundidade, e é o estágio mais concreto de significação. Também se divide em três, de acordo com o efeito ocasionado no intérprete pelo signo. Segundo Santaella (2012, p.24-26), quando este efeito, ou Interpretante Dinâmico, é da ordem da qualidade de um sentimento temos um Interpretante Emocional. Quando é uma ação física, mental, o Interpretante é Energético. Quando prevalece uma regra interpretativa internalizada pelo intérprete, o Interpretante é lógico. A última etapa do Interpretante no caminho para se tornar um signo, em nível de Terceiridade, é o Interpretante final. Segundo Santaella, este é

O efeito que o signo produziria em qualquer mente, se a semiose fosse levada suficientemente longe, isto é, se fosse possível que o signo pudesse produzir todos os interpretantes dinâmicos de modo exaustivo e final (SANTAELLA, 2005, p.49).

O Interpretante pode ser abordado em três níveis com relação ao fundamento do signo. Quando há imprecisão de sentido, uma sensação, uma indeterminação causadora de espanto e surpresa este chama-se Rema. Nas particularizações interpretativas e afirmativas, fruto de denotação, tem-se o Dícete. E, por último, nas situações interpretativas de certeza e garantias, ligadas ao rigor científico ou regras precisas, prevalece o Interpretante como Argumento.

A figura 1 demonstra, de forma sintética, as relações entre os elementos do signo, os níveis do Objeto e do Interpretante e como todos estes elementos estão atravessados pelas categorias fenomenológicas de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Os elementos apresentados nesta síntese são os que forneceram subsídios para as análises da semiótica em capas de disco dos trabalhos dos autores Araujo e Moehlecke (2017), Domingues e Pimenta (2014), Pietroforte (2004) e Pompeu (2008), presentes na revisão da literatura empreendida neste artigo.

Figura 1 – Fundamento do signo, o Objeto, o Interpretante e as categorias fenomenológicas



Fonte: Do autor (adaptado de NIEMEYER, 2010, p.37).

3. O processo de análise segundo as classificações do signo

Para o processo de análise, o foco é direcionado para as classificações do signo em relação ao Representâmen, ao Objeto e o Interpretante. Assim são constituídos os três níveis de relações sógnicas, para cada faceta do signo, conforme a figura 2. Seguindo esta lógica podemos perceber que a tríade Qualisigno (Qs) / Sinsigno (Ss) / Legisigno (Ls) apoia-se no aspecto manifesto do signo, ainda apartado das estratégias de representação ligadas ao Objeto e também de suas possibilidades interpretativas. Já para as estratégias de representação, ou seja, como o Objeto se apresenta, temos Ícone (Ic) / Índice (In) / Símbolo (Si). E para as relações instituídas no Interpretante temos Rema (Re) / Dícete (Di) / Argumento (Ar). Estas abreviações serão trazidas posteriormente para orientar as modalidades de interpretação dos signos.

Figura 2 – Relações Sógnicas

	Signo em relação ao Representâmen	Signo em relação ao Objeto	Signo em relação ao Interpretante
PRIMEIRIDADE	Qs QUALISIGNO	Ic ÍCONE	Re REMA
SECUNDIDADE	Ss SINSIGNO	In ÍNDICE	Di DICENTE
TERCEIRIDADE	Ls LEGISIGNO	Si SÍMBOLO	Ar ARGUMENTO

Fonte: Do autor.

Cientes da complementariedade dos elementos do signo, podemos discorrer sobre o processo de análise tendo em vista as particularidades do produto analisado e os elementos do signo. Esta inicia-se com um estágio de contemplação. “Uma contemplação pura, sem deixar que interpretações ou raciocínios cognitivos se alvorocem ansiosamente” (POMPEU, 2008, p.34). É

o que Santaella (2012, p.29) chama de “Abrir-se para o fenômeno e para o fundamento do signo”. Para Domingues e Pimenta (2014, p.2), na “Primeiridade, deparamo-nos com o consciente presente – e tudo aquilo que ele inclui. É a consciência imediata, debruçada sobre a qualidade em seu estado puro, ainda privada de nomes ou definições”.

O segundo momento envolve a capacidade de distinção. Estamos no âmbito da causalidade, do existente e do factual. Neste momento, cabe identificar o que distingue o signo no processo de semiose. Conforme Pompeu (2008, p. 47), “É a hora de se buscar as singularidades do signo, seus traços de unicidade, suas relações únicas com o ambiente e com o momento em que ele se apresenta”. Santaella (2012, p.34) nos traz os questionamentos pertinentes a esta fase da análise: “A que o signo se refere? A que ele se aplica? O que ele denota? O que ele representa?”.

Podemos em seguida interpelar o signo na sua capacidade de generalização, ou seja, seu aspecto de lei (POMPEU, 2008, p.47). Ao referir-se à capa do álbum branco dos Beatles, Pompeu nos informa

A capa do “disco branco” dos Beatles, por exemplo. A cor da capa faz parte de sua dimensão qualissínica, assim como a assinatura que o eventual dono do disco tenha feito no canto da capa é parte da sua dimensão sinsínica. Conseqüentemente, o fato de a tal capa fazer parte de uma série de capas – tanto podendo ser uma entre as milhares de “capas brancas dos Beatles”, como também podendo ser um exemplar de uma capa dos Beatles entre tantas outras capas de tantos outros discos dos Beatles – é característica da dimensão legissínica (POMPEU, 2008, p.48).

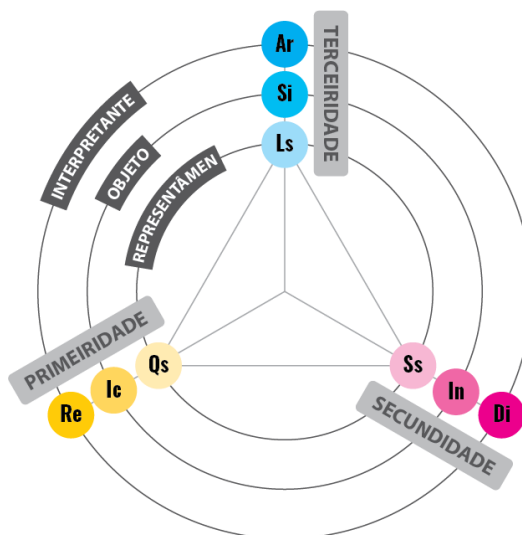
Seguindo este raciocínio, a análise se faz progressivamente, abordando os aspectos de qualidade, existente e lei do produto analisado. A análise segue a lógica interna do signo na qual se insere a tríade proposta por Peirce, composta pelo Representâmen, o Objeto e o Interpretante. Todos os elementos estão interligados e são interdependentes no processo de significação. Eles próprios trazem em si mesmos as categorias fenomenológicas, e a depender de como se manifestam, existem em suas singularidades e incorporam regras e convenções na ligação do signo com seu Objeto. Cada estágio da análise parte de um patamar mais impreciso para outro mais definido, sempre englobando o estágio anterior e atingindo o âmbito da generalização, no qual ocorre um outro signo, conforme mencionado anteriormente. Domingues e Pimenta esclarecem a articulação dos elementos do signo ao afirmarem que

Peirce também articulou o conjunto signo-objeto-interpretante às ideias de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Assim, em um primeiro momento – o de pureza e contemplação, incluído no Reino das Possibilidades –, deparamo-nos com quali-signos, ícones e interpretantes rema. É quando inserimo-nos na esfera da Primeiridade, onde temos tudo aquilo que pode ser algo, mas que ainda não o é. No entanto, uma vez na Secundidade, debruçamo-nos sobre sin-signos, índices e interpretantes dicentes – é este o nível do Real, do que existe aqui e agora: há uma relação física com o existente, indicando algo concreto. Por fim, chegamos ao universo das Leis: na Terceiridade, legi-signos, símbolos e argumentos incorporam o encaixe do particular no geral, apoiando-se nas convenções sociais (DOMINGUES E PIMENTA, 2014, p.3).

Esse processo de progressão é demonstrado na figura 3, que apresenta as três facetas, o Representâmen, o Objeto e o Interpretante em uma disposição onde cada nível vai dos aspectos mais ligados às qualidades e sensações (tons mais claros), para os mais generalistas,

da esfera das leis e convenções (tons mais escuros).

Figura 3 – Progressão das Relações Sígnicas



Fonte: Do autor.

Este foi o percurso de análise aplicado à capa de CD de *Revirão*. Por meio desta análise foram evidenciados os aspectos desta enquanto signo, considerando suas dimensões mais qualitativas e sensitivas, até aquelas mais generalizantes, apoiadas nas modalidades de convenção. O fato de separarmos a análise em estágios correspondentes às categorias fenomenológicas não significa que não será alcançada a totalidade da capa. Esta tem como meta desvelar o processo de significação em sua natureza global, imerso em suas capacidades denotativas.

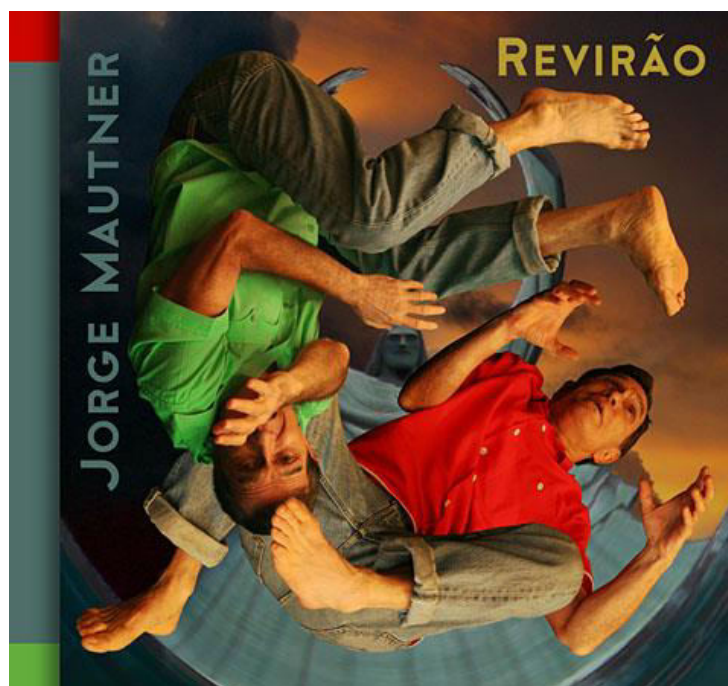
4. Análise e Resultados

Instaurar a inspeção do signo significa começar pelo acionamento do estado de frescor das sensações. Assim nos deparamos com o projeto gráfico de André Vallias para a capa do disco *Revirão* (figura 4). O designer autor do projeto gráfico é também poeta e produtor multimídia. À frente da produtora Refazenda¹, ele também realiza projetos de mídia interativa e cenografia. Sua atuação como poeta segue o legado da vertente da poesia experimental brasileira “Pós-concreta” (WIESE, 2012, p.15), com um modo de expressão que explora a relação do poema com o espaço gráfico, considerando sua visualidade. Adepto da computação gráfica como recurso expressivo desde suas primeiras incursões na poesia digital, ainda nos anos 1990, André Vallias traz para seus projetos gráficos, muitos dos quais relacionados à área cultural, os ingredientes dessa linguagem visual multifacetada que opera códigos visuais, sonoros, matemáticos etc.

¹ Segundo o site da produtora, a “Refazenda nasceu da grande repercussão que o site de Gilberto Gil alcançou, ao ser lançado em abril de 1996. Concebido pelo designer André Vallias a pedido da empresária Flora Gil, ele foi saudado como primeira grande referência criativa da então nascente Internet brasileira”. Disponível em: <https://www.refazenda.com/>. Acesso em 14 de agosto de 2022.

Com o intuito de empreender a análise semiótica da capa do álbum *Revirão*, imersos no universo visual concebido por André Vallias, deixamos de lado, provisoriamente, qualquer impulso de designação, de dedução ou julgamento. É preciso estabelecer contato com aquilo que o signo tem de mais espontâneo, vago, e mesmo incerto. Pois são estas sensações, e, mais do que isto, esta postura, que irão permitir elencar aquilo que o signo traz de mais elementar. Pietroforte (2004, p.8) inicia a análise da capa do álbum *New directions* (1978), de Jack DeJonette, Eddie Gomez, John Abercrombie e Lester Bowie, traduzindo esse estado contemplativo nas categorias plásticas de expressão eidética, cromática e topológica. Respectivamente, estas categorias irão tratar da essência, das cores e da distribuição espacial dos elementos da capa. Iniciamos então, conforme nos orienta Pompeu (2008, p.47), “por um olhar fenomenológico. Aquele olhar isento de raciocínios ou elaborações. Aquele olhar que anteceda o julgamento das coisas. Aquele olhar que se alongue na demora do sensível”. Antes de adentrar o processo de análise propriamente dito, são trazidas algumas informações sobre Jorge Mautner e seu disco *Revirão*.

Figura 4 – Capa do disco *Revirão*



Fonte: Do autor.

4.1. Jorge Mautner

Filho de judeus refugiados em razão da perseguição antisemita nazista, Jorge Mautner foi criado no Brasil em contato com a cultura local, mas ainda imerso nas lembranças de sua história familiar. Esta fusão “trata-se de uma autoficcionalização em que ele busca dar a ler a si mesmo como filho do holocausto” (CHAVES, 2019, p.18). A partir dessas origens ele torna-se escritor, compositor, músico, cantor, ator, diretor de cinema e artista plástico. Ao conjunto de ideias pelas quais realiza suas criações artísticas o artista dará o nome de *Kaos*, “que é simultaneamente e visceralmente a Amálgama do Brasil Universal de José Bonifácio e de Joaquim Nabuco com a Segunda Abolição” (MAUTNER, 2021). O momento inicial de Mautner na Música popular Brasileira (MPB) ocorre em meados dos anos 1960. Desde então ele já apresenta uma fusão de rock e música popular, em músicas que o mesmo classificava como

músicas de protesto (CHAVES, 2019, p.33) e eram investidas de uma “lírica provocativa” (SILVA, 2016, p.137). Na década seguinte ele adere aos movimentos de contracultura. Segundo Chaves,

Nesse novo ambiente das culturas alternativas, marginais e “desbundadas” Mautner circularia com desenvoltura ao experimentar uma abertura e liberdade artístico-política que não havia encontrado nos anos anteriores ao golpe [de 1964]. O seu retorno marca também a ênfase na atuação como músico. A música passa a ser o seu principal meio artístico de tornar público sua vontade de criação. No fortalecimento de sua condição de cantor e compositor é muito importante a parceria com Nelson Jacobina com quem produz importantes peças de seu cancionário. (CHAVES, 2019, p.35)

Mais tarde Mautner vai ser vinculado aos chamados ‘malditos’ da MPB por conta de sua linguagem artística e performances, que são difíceis de serem catalogadas em rótulos corriqueiros da indústria cultural (SILVA, 2016, p.13). Estes eram os artistas que não se ajustavam às regras do mercado fonográfico e que não se submetiam às demandas comerciais, sendo muitas vezes deixados de lado nos circuitos mais populares, como os das rádios (CHAVES, 2019, p.36). Este estigma não o abalou, tendo então assumido uma postura rebelde e reagindo com ironia a essa indiferença, quebrando padrões ao apresentar-se tocando violino, um instrumento essencialmente orquestral (SILVA, 2016, p.138).

4.2. **Revirão**

Revirão, décimo disco de carreira de Jorge Mautner, tem 13 faixas de composições próprias e parcerias com artistas como Nelson Jacobina (principal parceiro de sua carreira), Caetano Veloso, Gilberto Gil, Preta Gil e Bem Gil. Suas criações abordam temáticas como a relações familiares, manifestações da cultura brasileira, relacionamentos e sentimentos como o amor e o afeto. Conforme a crítica do Jornal Folha de São Paulo,

Com visões e observações não raro ácidas e humoradas de todos os aspectos da vida, e com temperos de música brega e emoções rasgadas, tudo é permeado por ironias, sem deixar de buscar a beleza” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007).

A espiritualidade e citações religiosas, de diversas tradições, também estão presentes. Do mesmo modo são trazidas referências à filosofia, mitologias e poesia, carregadas de linguagem metafórica. Toda essa amálgama é ainda complementada com crítica social e doses de ironia e sarcasmo. Musicalmente “o disco passeia por carimbó, baião, rocks, marchinhas, breguices afins e canções que quase enganam tradicionais” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007). Essa diversidade cria um panorama de sonoridades em que fica difícil uma classificação dentro de um único estilo musical.

4.3. **Análise semiótica de *Revirão***

Na capa de *Revirão* percebe-se logo duas imagens do artista contorcido, como se estivesse rolando no vazio. Nas imagens duplicadas do artista, ele veste calça jeans, com a bainha dobrada, e tem os pés descalços. Em uma das imagens ele tem a camisa verde, e na outra vermelha, cores opostas, complementares. Na imagem da esquerda ele cobre o rosto com uma das mãos, e tem o olhar direcionado para frente, como se estivesse fitando aquele que observa a capa. Já a outra imagem, do lado direito da capa, tem os braços dobrados e as mãos abertas, lado a lado. Porém, neste caso, seu olhar se perde no horizonte, e o rosto está

inclinado em relação ao observador. Em capas de disco, a foto do artista (ou artistas) representa sua obra, e como o mesmo se coloca socialmente. Conforme nos informa Pietroforte, trazendo o exemplo de outros artistas,

Na maioria das capas dos trabalhos de Chico Buarque ou Paulinho da Viola há uma foto do compositor/intérprete, ou seja, elas apresentam o conteúdo desses trabalhos, figurativizado pelo artista. O conteúdo, nesse caso, não é o homem, mas seu papel social de cancionista, com seu estilo e suas composições (PIETROFORTE, 2004, p.7-8).

Na capa de *Revirão*, o contexto no qual o artista está inserido é representado pelo plano de fundo, em conjunto com sua representação, quase que caindo. Este fundo tem um céu nublado na direita acima, com um leve toque alaranjado, como na passagem do entardecer para a noite, e fica mais escuro do lado esquerdo e abaixo. Atrás das imagens do artista, no centro do fundo, está a imagem da estátua do Cristo Redentor, também distorcida, esfericamente, de tal modo que os braços da estátua quase se tocam. O rosto da estátua fica no centro da composição.

Junto à esta composição de imagens estão os nomes do disco e do artista, escritos em uma tipografia sem serifas, em versalete. O primeiro está acima, à esquerda, na cor amarela com baixa saturação e luminosidade, o segundo, 'Jorge Mautner', está à direita e acima, porém escrito no sentido vertical, indo de baixo para cima, na cor azul claro. O nome do disco e do artista criam um eixo ortogonal, que contrasta com a circularidade, e irregularidade, da imagem dos corpos em movimento. Complementando a capa, a barra à esquerda, que é uma visão do fundo do berço da embalagem do disco, tem uma faixa azul claro com as extremidades verde e vermelho, cada uma.

Em relação ao seu Representâmen, ou seja, o modo pelo qual o Objeto se manifesta no signo, temos um Qualissigno. Isto por que são deixados leves vestígios do que vem a ser a musicalidade de Jorge Mautner e as canções de *Revirão*. Mas os indícios estão lá: oposição entre cores e formas, irregularidade, movimento, queda, aflição, religiosidade, cultura brasileira. O olhar do artista ora aponta para o céu, em contemplação, ora aponta para o observador, com a postura defensiva, tem os pés descalços denotando humildade, devoção e fé. A palavra "Revirão", enquanto verbo, traz significados de "vir novamente; retornar, regressar" (Dicionário Houaiss, 2022). Como substantivo, tem o sentido de golpe, bofetada, ou ainda "tira estreita posterior dos calçados". Este nome polissêmico deixa margem para diversas interpretações. Se é uma bofetada, quem disfare esse golpe? O movimento circular de "revirar" seria um eterno retorno? Onde vai parar o artista? Tentaremos descobrir progredindo com a semiose, alcançando seus aspectos de Secundidade.

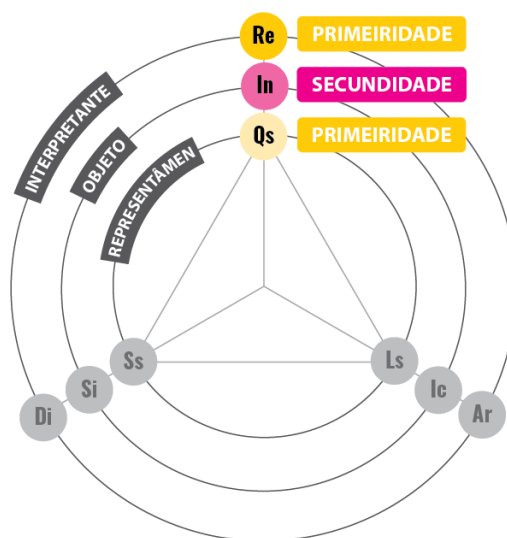
Neste patamar subsequente, chegamos à "categoria da experiência, da manifestação específica" (NIEMEYER, 2010, p. 45). Esta dimensão está apoiada na primeira, e manifesta o caráter de ação do signo. "É a hora de se buscar as singularidades do signo, seus traços de unicidade, suas relações únicas com o ambiente e com o momento em que ele se apresenta" (POMPEU, 2008, p.47). Neste sentido a capa é um Índice para a presença do artista e sua postura diante do mundo. Quem está ali é Jorge Mautner, retratado em uma situação de ambivalências e significados imprecisos. Só mesmo o conhecimento prévio do artista, sua obra e suas ideias poderá levar o observador a uma condição de intérprete em que se possa desvendar as intenções do artista, e do designer que projetou a capa, neste trabalho. A dimensão verbal da capa, representada pelo nome do disco e do artista, por si só, está apoiada no caráter de convenção, já que estão representados por signos do alfabeto latino. Porém, sua

disposição e a amplitude dos significados reforçam o caráter indicial, de acontecimento, gesto e movimento.

Chegamos ao fechamento da análise com a categoria de Terceiridade. Só podemos realizá-lo integralmente se nos dispusermos, antes, a desempenhar a averiguação dos fundamentos do signo e sua relação com o Objeto. Conforme Santaella (2012, p.37), “a análise dos interpretantes deve estar alicerçada na leitura cuidadosa tanto dos aspectos envolvidos no fundamento do signo como nos aspectos envolvidos nas relações do signo com seu objeto”. Assim podemos avaliar que tipos de Interpretante o signo é capaz de gerar, na relação do signo com o Interpretante Imediato. No caso de *Revirão*, ele está muito mais próximo de acionar emoções e sensações no intérprete. O Interpretante é Rema, ou seja, ele “envolve na interpretação, de maneira mais ou menos evidente, uma qualidade” (POMPEU, 2008, p.41). Isto se deve ao fato de que, como Interpretante Dinâmico, o efeito que prevalece é o das qualidades, sensações e emoções.

Temos por fim, nesta análise, um signo que, em relação ao seu fundamento é um Qualisigno (Qs), em relação ao Objeto é um Índice (Id) e em relação ao interpretante é um Rema (Re), conforme demonstrado na figura 5.

Figura 5 – Resultados da análise semiótica



Fonte: Do autor.

Um signo de tal natureza nos coloca diante de uma semiose onde predominam o acaso, a vagueza, o frescor e a indefinição. O que se passa na cena presente na capa é impreciso. As possibilidades de relação entre signo e Objeto Dinâmico estão em aberto. A relação factual, que singulariza o fenômeno semiótico, traz conflito, surpresa e dúvida. Finalmente, o devir e a generalidade, são atravessados por sentimentos e sensações. A apreensão se dá por meio de conjecturas, hipóteses permeadas pelo hábito e a capacidade de mediação.

5. Discussão

Tendo elaborado a análise semiótica de acordo com a tríade proposta por Peirce, podemos agora lançar luz sobre aspectos próprios da capa de *Revirão* enquanto projeto gráfico e produto de consumo da indústria cultural. Paralelamente é possível traçar algumas reflexões sobre o disco e o artista, delineando como a imagem de Jorge Mautner se constitui

artisticamente. De imediato, pode-se afirmar que *Revirão* tem a marca do que Jorge Mautner define como Kaos. As contradições presentes na imagem da capa, este modo de apresentar a face e a contraface simultaneamente, estão registrados no projeto gráfico de André Vallias. As possibilidades de assimilação da essência do artista são baseadas no repertório que um possível consumidor do disco possui. A capa tem várias camadas de leitura, conforme demonstramos no processo de análise da semiose. O produto artístico normalmente se propõe a muitas possibilidades de leitura, e esta particularidade ganha mais ênfase quando está baseada na obra de um artista tão diverso e complexo quanto Jorge Mautner.

A estratégia adotada na capa, considerando-se a semiose, permite um espectro amplo de interpretações, já que a duplicidade da imagem do artista, mais a estátua do Cristo Redentor ao fundo, cria uma amálgama de significados. Esta composição reflete a postura do artista em relação a sua arte, que preza pela liberdade artística e política. Por essa razão, a manifestação do Objeto no fundamento do signo, seu Representâmen fica no âmbito das qualidades (a queda, o movimento) e imprecisões (o Cristo é distorcido). Mas, ainda assim este signo se apresenta como um existente. Jorge Mautner está presente na capa do disco como “Índice de identificação, em que é possível retrair-se inequivocamente a origem da causa” (NIEMEYER, 2010, p.41). Através do nome e da foto do artista o consumidor, mediante conhecimento prévio, identifica qual obra está presente no disco.

Dentre as possibilidades interpretativas temos vários caminhos, frutos não só das escolhas do designer para a capa do disco como também para própria natureza do artista em questão. Estamos no “âmbito de conotações, amplo e impreciso” (NIEMEYER, 2010, p.43) chamado Rema. Esta característica presente no disco é compreensível, dado o perfil multifacetado de Jorge Mautner. Seu lugar de marginal na arte, e ao mesmo tempo sua lírica provocativa e irônica, dão margem para muitas interpretações da capa do disco. A própria obra do artista é difícil de ser enquadrada em um estilo musical específico por conta da diversidade de ritmos contidas em *Revirão*.

6. Conclusão

A análise semiótica permite compreender as particularidades da capa enquanto signo. É possível identificar as escolhas feitas pelo designer de acordo com a finalidade do produto. Todo o percurso evidencia o potencial comunicativo da capa de disco e seus processos de significação. Deste modo é possível avaliar em que medida o projeto atinge seus objetivos e, mais ainda, como ele se estabelece como bem de consumo. Na análise estão incluídas todas as particularidades e potencialidades do intérprete, em conjunto com os aspectos inerentes ao signo.

Neste processo, é fundamental entender o contexto social, cultural, político, econômico e ambiental no qual o produto está inserido. No caso do disco *Revirão*, são importantes o cenário artístico brasileiro em que Jorge Mautner atua, bem como sua postura artística, entendendo tratar-se de um artigo da indústria cultural.

A partir dessa assimilação é feito um mergulho na “pureza” do signo, seu estado mais essencial e qualitativo. Em se tratando de um projeto de design, vários aspectos são de grande importância neste momento, como cores, composição, tipografia, formas e todos princípios de design. Refazendo o caminho em direção a superfície onde se localiza o aspecto de convenção, regra e lei, passamos pelo signo enquanto existente e seu potencial factual. Cada designer vai escolher como tratar estes três níveis e quais aspectos terão ênfase em cada um deles. Por este motivo os processos de semiose são diversos, ainda mais quando são incluídas as particularidades do intérprete.

Este artigo contribui com as iniciativas do emprego da análise semiótica no design, e em particular, em capas de disco. Foi demonstrado como o processo está baseado nas relações

internas do signo, a partir da tríade proposta por Peirce. A distinção própria de capas de disco enquanto signos é que estas se configuram como signo visual, porém referem-se a um signo sonoro, as músicas contidas no disco. No caso de Jorge Mautner, pode-se dizer que ele, enquanto artista, tem uma obra “icônica”, isto é, tem uma “forma” muito peculiar, seja pela amálgama de ritmos e sonoridades, seja pela inserção do violino, ou ainda pelo seu caráter multifacetado. Outras análises, de outros artistas e discos, possivelmente podem revelar outras facetas em suas capas com aspectos mais indiciais ou mesmo simbólicos, apoiados em convenções da indústria fonográfica.

7. Referências

ARAUJO, Denise Castilhos de, e MOEHLECKE, Daniele Souza. **Análise Semiótica das Manifestações Culturais da Capa do Disco SGT. Pepper's Lonely Hearts Club Band (The Beatles)**. Revista Panorama - Revista de Comunicação Social, vol. 7, no 2, dezembro de 2017, p. 47–51. seer.pucgoias.edu.br, <https://doi.org/10.18224/pan.v7i2.6079>.

Dicionário Houaiss. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em 14 de agosto de 2022.

CHAVES, Reginaldo Sousa. **O kaos de Jorge Mautner: escrita e temporalidade (1950-1960)**. 2019. Tese (doutorado) – Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/46141/3/2019_tese_rschaves.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

DOMINGUES, Lia Rezende e PIMENTA, Francisco José Paoliello. **Revolver: a Semiótica por trás da capa dos Beatles**. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. 22 a 24 de maio de 2014. UVV (Campus Boa Vista) - Vila Velha – Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0134-1.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2021.

Força do disco nasce do encontro de Jorge Mautner com a nova geração. Folha de São Paulo. São Paulo. 10 de janeiro de 2007. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1001200708.htm>. Acesso em 8 de novembro de 2021.

MAUTNER, Jorge. **Panfletos da Nova Era**. Disponível em: <http://www.panfletosdanovaera.com.br/sobre>. Acesso em: 15 dez. 2021.

_____. **Revirão**. Rio de Janeiro: Gege Produções Artísticas / Warner Music Brasil, 2006, 1 CD.

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de semiótica aplicados ao design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2010.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Uma imagem da música: análise semiótica de uma capa de disco**. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 2, no 2, março de 2008. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.21709/casa.v2i2.609>.

POMPEU, Bruno. **A gente faz o que o coração dita: análise semiótica das capas dos discos de Dorival Caymmi**. 2008. Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em Ciências da comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-10112010-112004/pt-br.php>. Acesso em: 22 dez. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal**. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SILVA, Antonio César Silva. **Jorge Mautner e seus múltiplos na escrita autobiográfica**. 2016. Tese (doutorado) – Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <http://www.ppglitcult.ufba.br/sites/ppglitcult.ufba.br/files/14_tese_de_antonio_cesar_silva_silva_1.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

WIESE, Maira Borges. **A poesia digital de André Vallias**. Dissertação (mestrado). Mestrado em Estudos Literários e Culturais. Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012.